

Corpo feminino, resistência e censura algorítmica: o caso de *Tetas X Tetas* ¹

Carla de Araujo RISSO²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.
Daniela OSVALD RAMOS³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Resumo

As mulheres continuam, no século XXI, a lutar pelo direito de se expressarem com seu corpo da forma que lhes convém; isso foi diretamente observável nas nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, e vem sendo observável também na camada digital. Neste artigo, discutimos a censura algorítmica e o hackeamento cultural como forma de driblar esta censura estrutural nas plataformas na discussão da campanha argentina *Tetas x Tetas*, censurada desde 2016 em plataformas como Facebook, You Tube e Instagram. Concluimos que a censura algorítmica pode ser mais ativa e intervencionista e que não será revista sem pressão social.

Palavras-chave

Corpo feminino; mamilos; resistência; liberdade de expressão; censura algorítmica.

Introdução

Recorrentemente, podemos ver, em pleno século XXI, diversas manifestações que demonstram que polêmicas em torno do corpo feminino estão bem distantes de serem solucionadas. Em um ano de Olimpíadas e ampla discussão sobre os uniformes femininos, destaca-se a multa que o time feminino de handebol de praia da Noruega recebeu da Federação Europeia de Handebol (EHF) porque jogadoras optaram por usar shorts ajustados em vez de um biquíni cavado durante um jogo do campeonato europeu em julho de 2021.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e pesquisadora na Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e membro do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: carlaarisso@gmail.com.

³ Professora e pesquisadora no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Vice-Coordenadora do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM). E-mail: dramos@usp.br.

A multa de 1.500 euros ao time norueguês – 150 euros por jogadora – foi aplicada por uso de "roupa imprópria", não aprovada pelas regulações da modalidade. De acordo com os regulamentos da Federação Internacional de Handebol (IHF), as atletas do sexo feminino devem usar biquíni com uma largura lateral máxima de 10 centímetros, com um "ajuste próximo" e "corte em um ângulo ascendente em direção à parte superior da perna" (Redação, sem p., 2021). Enquanto isso, os homens devem usar calções "não muito folgados" e 10 centímetros acima dos joelhos. Esse é um exemplo claro de que como regras estabelecidas por federações dominadas por cartolas do sexo masculino impõem a objetificação dos corpos femininos.

Como ressalta GROSZ (2015, p.77), “longe de ser um termo inerte, passivo, não cultural e a-histórico, o corpo pode ser visto como o termo crucial, o lugar de contestação, numa série de lutas econômicas, políticas, sexuais e intelectuais”. Pode-se dizer que as ginastas alemãs marcaram este lugar de contestação nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, ao treinarem com o corpo todo coberto por *collants* e *leggings*, acenando para esta possível escolha de vestimenta, depois de terem competido com o novo uniforme no Campeonato Europeu no mesmo ano. Vale lembrar que a modalidade passa, como em tantas outras esferas sociais atualmente, por uma onda de denúncias de abusos sexuais (Reuters, 2021, sem p.).

Se na camada física, na área do esporte, que expõe totalmente os corpos em movimento, presenciamos esta discussão e a possibilidade de mudança na evidência da sexualização do corpo feminino, será que somos totalmente livres na expressão do corpo feminino na camada digital? Ao que parece, não. Embora a circulação de corpos femininos sexualizados seja abundante na internet, nas plataformas esta circulação é na maioria das vezes vetada, mesmo que com a intenção de protesto ou conscientização (como veremos a seguir), Nossa hipótese é que este fato funda uma espécie de censura algorítmica estrutural nestes espaços. Discutimos, a seguir, a partir da campanha para prevenção do câncer de mama *Tetas X Tetas*, criada na Argentina, o emprego do hackeamento cultural neste caso – a criação de novos códigos semióticos aceitos pelas plataformas, possíveis de driblarem esta censura estrutural e a possibilidade do uso do termo – “censura algorítmica” nas plataformas (Cobbe, 2020).

A campanha *Tetas X Tetas*

A sexualização do corpo feminino também pode levar à censura. Há uma grande dificuldade em desenvolver campanhas publicitárias para divulgar, principalmente na TV e Internet, o exame preventivo de câncer de mama, uma vez que órgãos reguladores e as plataformas costumam remover conteúdo em que apareça mamilos femininos. Cientes dessas restrições, a agência DAVID de Buenos Aires criou em 2016 a campanha *Tetas X Tetas*, para a ONG argentina – MACMA - *Movimiento Ayuda Cancro de Mama* –, e resolveu o problema de comunicação trocando mamas femininas por mamas de um homem gordo –simulando o volume dos seios femininos –, para as quais não há censura:



Figura 1 e Figura 2: Cenas do vídeo produzido pela MACMA, *Man boobs for boobs*, em 2016. Fonte: capturas de tela do vídeo disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=fz4c9zrVZZk>.

A campanha teve muito sucesso, tanto nas mídias sociais como nos noticiários internacionais, conquistou 14 Leões na edição de 2016 do Cannes Lions (10 de Ouro, dois de Prata e um de Bronze, além do Grand Prix for Good) e projetou as discussões que já estavam ocorrendo sobre os tabus sociais que envolvem a exposição pública das mamas femininas.

Em 2014, Lina Esco, diretora do filme “Free the Nipple” (Liberte o Mamilo) começou uma campanha de mesmo nome depois da dificuldade que teve em lançar seu filme. A

campanha aborda tabus sociais sobre a exposição pública das mamas femininas; Esco criou este filme para chamar a atenção do público para a questão da igualdade de gênero e incentivar a discussão sobre a glorificação da violência e a repressão da sexualidade nos Estados Unidos. O movimento "Free the Nipple" mantém uma página no Instagram para pressionar a liberação dos mamilos femininos na plataforma. No Brasil, o movimento ficou conhecido como "Mamilos Livres", em 2015.

Marilyn Yalom, no livro *A História dos Seios*, aponta que a visão sexualizada das mamas femininas não é de forma alguma universal. Em várias culturas africanas e do Pacífico Sul, bem como dentre as indígenas brasileiras, as mulheres andam de seios descobertos sem o significado predominantemente erótico que tem no Ocidente. Yalom lembra que outras culturas têm inclusive seus próprios fetiches como os pés pequenos na China, a parte posterior do pescoço no Japão e as nádegas na África e Caraíbas. “Em cada um desses casos, a parte do corpo sexualmente investida – o que o poeta Mallarmé designa por ‘erotismo velado’ – deve muito do seu fascínio à ocultação completa ou parcial” (YALOM, 1998, p.13).

Para Yalom (p.94), foi na França e Itália renascentistas que os seios descobertos ocuparam o centro do erotismo na alta cultura. “Os quadros de mulheres nuas – sozinhas ou acompanhadas, no seio da natureza ou em toucadores – estimulavam a lubricidade masculina”. Esse erotismo ligado aos mamilos femininos se perpetuou no imaginário ocidental e permeia as diretrizes das plataformas para proibir a nudez dos seios femininos e permitir os mamilos masculinos. A justificativa é que a exposição de um homem sem camiseta não tem o mesmo impacto que a exposição de uma mulher sem camiseta.

Ao estudarmos a história da Censura vemos que sempre a alteração ou supressão de ideias ou conteúdos tidos como censuráveis ou ofensivos é feita a título de proteção. Pode-se notar um conjunto poderoso de técnicas e argumentos para apoiar os esforços para limitar a liberdade de expressão. Um dos mais antigos estratagemas utilizados é o argumento religioso: certas coisas seriam consideradas “ofensivas” aos olhos da Divindade e em seu nome seriam proibidas. Essas coisas variam de país para país, de religião a religião, de seita a seita e são em sua maioria, embora nem sempre, de natureza sexual.

A Segurança Nacional também é um outro estratagema amplamente utilizado como justificativa para a supressão das liberdades individuais. Muitas das restrições à distribuição de informação que se encontram ainda hoje, em todo o mundo, são respaldadas pela figura do Estado como “pai zeloso” ou como “uma sentinela atenta”.

As justificativas para a Censura têm variado. O material pode ser considerado indecente ou obsceno; herético ou blasfemo; sedicioso ou traição. Assim, as ideias vêm sendo suprimidas sob o pretexto de proteger as três principais instituições sociais: a família, a igreja e o estado.

A Censura sempre está atrelada ao discurso da proteção. Com as plataformas não é diferente. Ao proibirem nus femininos, as justificativas são proteger as crianças e adolescentes que são usuárias, impedir que *nudes* sejam publicados sem o consentimento da mulher fotografada, evitar que pornografia infantil seja distribuída e, além disso, impedir crimes sexuais virtuais, como a pornografia de vingança. Contudo, todas essas proibições impedem, a princípio, a divulgação de imagens de um autoexame preventivo de sobre câncer de mama. Foi preciso uma ideia criativa e a substituição de um corpo feminino por um masculino para atingir o objetivo de comunicação, como discutimos no tópico seguinte.

Zona Autônoma Temporária e *hackeamento* cultural nas plataformas como possibilidade de resistência

A condição de *walled garden* das plataformas, literalmente um “jardim murado”, pressupõe que a plataforma domine totalmente dentro dos seus limites, e que mantenha os dados gerados na sua ambiência dentro do jardim, para que seja insumo do seu modelo de negócio. “O ambiente murado, então, dificulta a saída do usuário de determinada plataforma, o que faz com que este gere dados dentro da mesma, que pode usá-los como forma de monetização.”, explica o blog Tail (Você, sem data, sem p.). Van Djick (2020), vai na mesma linha metafórica do jardim, ao falar das plataformas como espécies de árvores cujas raízes são suas infraestruturas técnicas, da onde vem os nutrientes da árvore; o tronco é a área de circulação entre a infraestrutura e os frutos da árvore, que por sua vez se especializam em diferentes áreas como “Saúde”, “Educação”, e outros (Van Djick, 2020, p. 6). No tronco se localizam as plataformas intermediárias que são o que a autora

(2020, p.7) identifica como “(...) pontos de passagem obrigatória”. Assim, a partir do fenômeno da plataformização, vai se configurando um ambiente midiaticizado com características únicas de flora – e fauna.

Nós, a fauna que habita os jardins murados e subsidia a existência deste ecossistema, corremos o risco de termos nossos corpos desconfigurados nestes ambientes, como vimos anteriormente no caso do corpo feminino, o qual já está inscrito historicamente como alvo na camada física, mas que passa também por restrições de liberdade de expressão nos jardins murados. A linguagem, no entanto, é a peculiaridade da nossa espécie que torna possível uma operação de criação de novos códigos culturais aceitos pelas plataformas, no caso estudado, a estratégia da campanha da MACMA. Pode-se dizer que a agência conseguiu criar uma “Zona Autônoma Temporária” (Bey, 2011), uma condição de emergência de uma mensagem transgressora aos códigos informáticos nas plataformas. Uma TAZ (sigla em inglês para *Temporary Autonomous Zone*) é uma possibilidade de organização social não rastreável e subversiva, como a ocupação de um território físico por piratas, por exemplo. Não é exatamente este o que ocorre aqui, mas a estratégia da campanha em questão se utiliza de uma possibilidade de subversão dos códigos informáticos ao evidenciar a ocupação do território por meio da iconicidade do signo, sua primeiridade no sentido peirciano: ao invés de mamilos femininos, que são proibidos, utilizamos então a imagem de mamilos masculinos. Pela condição de similaridade do signo, nós, humanos, percebemos e assimilamos o jogo do código sógnico; mas o algoritmo, treinado para reconhecer apenas mamilos de mulheres, não.

Ao contar com a falta de treinamento do algoritmo para reconhecer mamas masculinas, já se cria um espaço de liberação para a imaginação humana, que ocorre, como discutimos acima, pela condição de iconicidade do signo. “A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la.”, diz Bey (2011, p. 17), ao descrever as possibilidades táticas desta estratégia. Bey tem vista a questão da organização política, por isso usa a imagem do Estado. No caso das plataformas e de seus jardins murados, o que vemos no caso da campanha é justamente uma liberação de imaginação, ao sugerir outra representação imagética que não aquela que todos já sabem não ser permitida dentro

daquele espaço. Neste sentido, qualquer conteúdo uma vez publicado, mas suprimido pela plataforma, já criou uma TAZ e poderá ser lembrada pelo seu criador em *posts* futuros. Cumpre, assim, sua intenção transgressora, evidenciando sua emergência mesmo pela sua futura ausência e funcionando como um hackeamento social para um problema de controle informático.

Se o código é o centro da cultura informática, as diferentes maneiras de codificar, recodificar e transcodificar são habilidades semióticas para o nosso presente e futuro de liberdade de expressão, ainda mais se seguirmos o que Silveira (2010, p. 33), nomeia de “hacktivismo”: “(...) o uso não violento, legal ou ilegal, de ferramentas digitais para perseguir finalidades políticas”. A falha de segurança nas plataformas deste ponto de vista é que esta ainda necessita do ser humano e olhar humano para se perpetuarem. E é com este olhar para as plataformas que as possibilidades de resistência podem se proliferar, tanto de agências de publicidade com propósito vários, quanto de jornalistas, ativistas, e todos aqueles se preocupam com a liberdade de expressão. Mas, há ainda uma outra questão a ser encarada nesta seara: a censura algorítmica.

Censura algorítmica

A condição de *walled garden* das plataformas, como discutimos no tópico anterior, pode ser considerada uma metáfora que esconde uma associação de extrema importância social no século XXI: as plataformas exercem censura algorítmica? Se sim, como? Cobbe (2021, pp. 9-10), coloca duas questões para iniciarmos esta discussão:

Duas questões em particular, na minha opinião, são distintas sobre a censura algorítmica *ex ante* que não existem necessariamente juntas em outras formas de moderação de conteúdo (em particular, aquela que envolve relatórios *ex post* e revisão humana). **Primeiro: a censura algorítmica potencialmente traz todas as comunicações ao alcance das operações de censura das plataformas.** Considerando que a moderação por humanos normalmente pode considerar apenas uma (pequena) proporção de todo o conteúdo, a vigilância e análise automatizadas inerentes à censura algorítmica potencialmente permitiriam a avaliação de todas as comunicações no *upload*, sejam elas públicas ou privadas. **Segundo: a censura algorítmica permite uma forma mais ativa e intervencionista de moderação por plataformas.** Com moderadores humanos, a moderação de conteúdo é normalmente de natureza passiva, contando com relatórios de usuários em vez de buscar ativamente comunicações proibidas. Com a censura algorítmica, as plataformas sociais podem, em teoria, intervir para suprimir qualquer conteúdo que seus algoritmos considerem proibido de acordo

com os critérios da plataforma. O efeito distinto desses dois recursos de censura algorítmica quando tomadas em conjunto, eu argumento, é potencialmente dar às plataformas sociais um poder sobre as comunicações privadas que nunca foi possuído por qualquer ator comercial.⁴

A partir do momento que a comunicação humana passa a ser mediada pela matemática e, conseqüentemente, por algoritmos (Gillispie, 2013) e as plataformas fundam o fenômeno da platformização da sociedade (Poell, Nieborg & Van Djick, 2020), mais uma camada de controles de códigos informáticos é adicionada. Pelo simples exercício de moderação, no sentido de um controle de um *feed* de maneira automatizada é que Cobbe (2020) situa sua abordagem, tornando clara esta possibilidade. Isso se tornou visível na exclusão de posts de presidentes de países como os Estados Unidos, em 2020 - Donald Trump está banido temporariamente do Facebook, enquanto Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, teve posts relacionados à pandemia de Covid19 retirados da mesma plataforma. No Brasil, foi inclusive anunciado um decreto com o objetivo de dificultar a remoção de posts pela plataforma; a justificativa é a limitação da liberdade de expressão; como a iniciativa parte de um líder que espalhou desinformação sobre a pandemia, percebe-se a complexidade desta discussão neste contexto da platformização.

A campanha *Tetas x Tetas* evidenciou, desde 2016, uma censura algorítmica em operação. Sendo sobre o corpo feminino, foi relevada durante anos. Não é preciso elencar aqui as razões para isso, inerentes ao machismo estrutural. A questão fica ainda mais complexa quando surgem outros casos patentes de, por exemplo, sob o guarda-chuva da liberdade de expressão, espalhar-se desinformação e discurso de ódio. Ao mesmo tempo, com o cenário do Big Data e suas implicações, o horizonte de uma moderação de conteúdo humana é cada vez mais distante. Estaríamos diante de uma nova era da liberdade de expressão na qual o que é censura é uma decisão autocrática e privada das plataformas?

⁴ Grifos das autoras e tradução livre das autoras. No original: “Two things in particular, in my view, are distinctive about *ex ante* algorithmic censorship that do not necessarily exist together in other forms of content moderation (in particular, that involving *ex post* reporting and human review). First: algorithmic censorship potentially brings all communications within reach of platforms’ censorship operations. Whereas moderation by humans can typically only consider a (small) proportion of all content, the automated surveillance and analysis inherent in algorithmic censorship would potentially allow for the assessment of all communications at upload, whether they were intended to be public or private. Second: algorithmic censorship allows a more active and interventionist form of moderation by platforms. With human moderators, content moderation is typically passive in nature, relying on user reporting rather than on actively seeking out prohibited communications. With algorithmic censorship, social platforms can, in theory, instead intervene to suppress any content their algorithms deem prohibited according to the platform’s criteria. The distinctive effect of these two features of algorithmic censorship, when taken together, I argue, is to potentially give social platforms a power over private communications that has never previously been possessed by any commercial actor”.

Como se definirá “liberdade de expressão”? No que consiste e como se transformam as questões clássicas da discussão de liberdade de expressão e censura neste cenário? Por ocasião da censura no novo pôster do cineasta Almodóvar (figura 3), Beiguelman (2021, sem p.) sugere que a censura algorítmica é “(...) uma nova modalidade de censura que não proíbe, antes: define algorítmicamente o direito do quê e como se pode ver. “Ou seja, pode-se dizer que a censura algorítmica está literalmente recriando o olho humano para a cultura, se assim deixarmos; o que vemos (ou veríamos) em um espaço público, em um cinema, não pode ser visto nas plataformas; trata-se da consciência de que plataformas não são espaços públicos e amplamente democráticos. Cobbe (2020), como discutimos acima, chama atenção para um modo de censura mais ativo e intervencionista, e que não cessará facilmente, como vimos no caso de *Tetas x Tetas*.

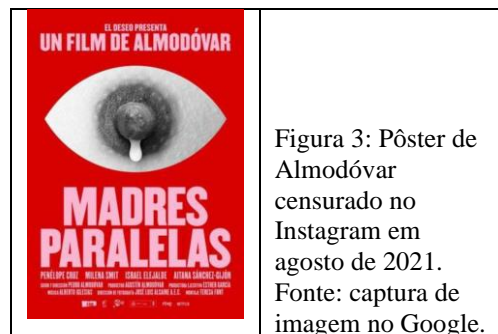
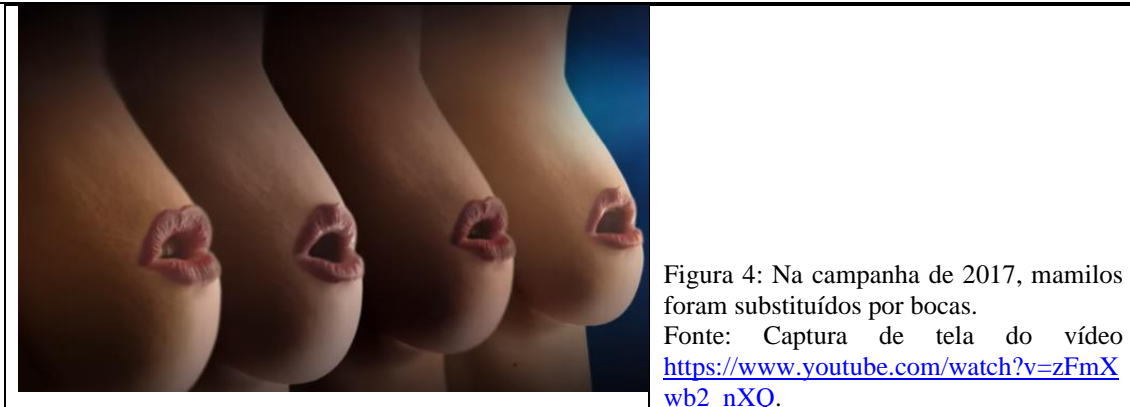


Figura 3: Pôster de Almodóvar censurado no Instagram em agosto de 2021. Fonte: captura de imagem no Google.

Apontamentos finais

Como vimos, o problema está longe de ser resolvido. Mesmo com o sucesso mundial do filme do MACMA, em 2017, a agência DAVID criou outro anúncio para a ONG intitulado *Todos Aman Las Tetas*, uma provocação às plataformas que continuavam impedindo a veiculação de imagens de seios. Nessa peça, os mamilos foram substituídos por bocas que cantam nos peitos de mulheres de diferentes idades, cores e estilos, alertando sobre os riscos do câncer de mama e sobre a importância da prevenção.



Em 2018, o MACMA divulgou a peça “¿Qué estás pensando?”, que só está disponível no Youtube, não podendo ser exibida nem no site da ONG. E mesmo nessa plataforma aparece um aviso de que esse vídeo tem restrição de idade com base nas diretrizes da comunidade. (Conteúdo sensível – nudez e conteúdo sexual). O vídeo de 1:10, mostra por dois segundos os mamilos de uma mulher com pixels e que depois são cobertos por sucessivas imagens. A frase que dá título ao vídeo, “O que você está pensando?”, é a pergunta que aparece no feed de todo usuário do Facebook. A personagem, uma mulher, olha para sua foto e uma locução feminina em *off* fala:

- O que você está pensando? De verdade? Sabes o que está pensando. Sabes tudo sobre ela. Por isso se sente um pouquinho exposta. Sabes o que ela gosta ou não. Que coisas compartilharia e quais não. Que coisas lhe interessaria comprar, seu aniversário de casamento o aniversário de seu cachorro em anos de cachorro, que categoria de pornô que ela gosta, em que notícias falsas acreditaria, em quem votaria e o que fez em um dia como hoje nos últimos quinze anos. Porém, tem uma coisa que você Facebook desconhece por completo.
- Uhuuumm. Meus seios?
- Sim seus seios. Não os podem ver. Não os suportam. Porém a questão é: quanto você os conhece? Você checa o Facebook três mil vezes por ano. Mas já checou suas mamas pelo menos uma vez? Uma mamografia ao ano? Além de visitar seu ginecologista e fazer autoexame para detectar qualquer indício precoce de câncer de mama? Compartilhe este vídeo com suas amigas. Ai o Facebook vai saber que você é um pouco contestadora e que enfatiza as causas sociais, e que interessa a sua saúde, que está pensando em abandonar a sua rede social e que poderia votar em *****⁵. Igualmente vale a pena. Para que seus seios fiquem aqui e juntos.

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=8cLsGzHOutk>.

As restrições continuam até hoje, mas aos poucos as plataformas por pressões de grupos sociais vêm atualizando suas regras contra a nudez. No Facebook, é possível publicar imagens de seios e recuperar fotos excluídas com seios de mulheres indígenas, obras de arte, amamentação ou de mastectomia, por exemplo.

Recentemente, o Instagram mudou sua política de nudez:

Sabemos que há momentos em que as pessoas podem desejar publicar imagens de nudez de natureza artística ou criativa, mas, por vários motivos, não permitimos nudez no Instagram. Isso inclui fotos, vídeos e alguns conteúdos criados digitalmente que mostram relações sexuais, genitais e imagens próximas de nádegas totalmente expostas. Algumas fotos de mamilos femininos também são proibidas, mas fotos no contexto de amamentação, momentos do parto e pós-parto, situações relacionadas à saúde (por exemplo, imagens pós-mastectomia, de conscientização sobre o câncer de mama ou de cirurgias de confirmação de gênero), além de imagens como ato de protesto, são permitidas. A nudez em imagens de pinturas e esculturas também é permitida.⁶

Mesmo assim, o pôster de Almodóvar foi retirado do Instagram logo após ter sido postado. Depois do protesto do cineasta e de fãs na rede, foi reintegrado, com pedido de desculpas. Parece pouco. Mas já é um avanço.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. Censura algorítmica. O pôster do filme de Almodóvar. São Paulo, 11 ago. 2021. Instagram. Giselle Beiguelman, acessado em https://www.instagram.com/tv/CSaFfm8Hjqq/?utm_medium=copy_link. 11 ago 2021.

BEY, H. TAZ. **Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Editora Baderna, 2011.

COBBE, J. **Algorithmic Censorship by Social Platforms: Power and Resistance** (August 14, 2019). (2020) Philosophy & Technology, Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3437304> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3437304>

GIANNINI, A. **Pedro Almodóvar alerta contra censura de algoritmos do Instagram**. Revista Veja, 2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/tecnologia/pedro-almodovar-alerta-contra-censura-de-algoritmos-do-instagram/>. Acesso em 11 ago. 2021.

GILLESPIE, T. **The relevance of algorithms**. Media Technologies: Essays on communication, materiality, and society. Cambridge, 2013. Disponível em: <<http://governingalgorithms.org/wp-content/uploads/2013/05/1-paper-gillespie.pdf>>. Acesso em 20/5/2021.

⁶ [https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Pol%C3%ADticas%20e%20den%C3%BAncias](https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Pol%C3%ADticas%20e%20den%C3%BAncias).

GNIPPER, P. **Facebook explica por que mamilos femininos são tão polêmicos na rede social.** CT News, 2018. Disponível em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-explica-por-que-mamilos-femininos-sao-tao-polemicos-na-rede-social-112702/>. Acesso em 8 ago. 2021.

GROSZ, E. **Corpos reconfigurados.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 7 ago. 2021.

POELL, Thimas. NIEBORG, David. VAN DIJCK, José. **Plataformização.** Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – doi: 10.4013/fem.2020.221.01

YALOM, Marilyn. **História do Seio.** Coleção Teorema Série Especial, Lisboa: Ed. Teorema, 1998.

REDAÇÃO, M.C. Time feminino de handebol da Noruega é multado por não usar biquíni. Revista Marie Claire, 2021. Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2021/07/time-feminino-de-handebol-da-noruega-e-multado-por-nao-usar-biquini.html> Acesso em 11 ago. 2021.

REUTERS. **Ginastas alemãs marcam posição com uniformes que cobrem todo corpo em Tóquio.** Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/23/ginastas-alemas-marcam-posicao-com-uniformes-que-cobrem-todo-corpo-em-toquio.ghtml>. Acesso em 2 ago. 2021.

SIBILIA, P. (2014). **O que é obsceno na nudez?** Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. Revista FAMECOS, 21(1), 24-55. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.1.14753>

SILVEIRA, S.A. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. Revista USP, (86), 28-39. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39>. 2010.

VAN DIJCK, José. **Seeing the forest for the trees: Visualizing platformization and its governance.** New Media and Society, 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444820940293>

VOCÊ sabe o que é Walled Garden? Tail. Sem data. Disponível em <https://blog.tail.digital/voce-sabe-o-que-e-walled-garden/>. Acesso em 7 ago. 2021.